

Para uma definição da música em meio de saúde

O projecto Música no Hospital é o fruto de encontros, de diálogos e de desejos partilhados, para, por um lado, permitir aos músicos a abertura de um novo espaço à sua acção, e, por outro, o desenvolvimento no mundo da saúde de uma dimensão muito particular da qualidade de vida através do encontro musical.



Foto: Christophe Meyer

por Victor Flusser

Director do Centro de Formação
de Músicos intervenientes,
Universidade Marc Bloch,
Estrasburgo

A Música no Hospital pode apresentar modalidades múltiplas e englobar todos os tipos de abordagens: concertos nos hospitais, animações na ocasião de aniversários ou de festas religiosas, criação de um coro profissionais de saúde de um serviço hospitalar, «residência» de um compositor num estabelecimento de saúde, discoteca numa instituição de terceira idade,...

Mas, para nós, é efectivamente outra coisa. Trata-se de criar as condições para que todas as pessoas presentes numa instituição de saúde possam reivindicar a sua dignidade e sua unicidade num encontro livre e «gratuito», encontro este que se articula pela música.

Lembremos alguns dos determinantes fundamentais da linguagem musical e as regras específicas das instituições de saúde.

Entre as especificidades da lingua-

gem musical, devemos salientar que:

- A música é um facto social e apenas existe se for tocada e ouvida;
- A música é um facto cultural e ao comunicar com ou pela música nos inscrevemos na dimensão própria da cultura;
- A música é efémera e constrói-se apenas nas nossas memórias, é «tempo no tempo», tempo «extra ordinário»;
- A música é polissémica e, consequentemente, não pode ser reduzida a uma mensagem unívoca;
- A música tem um grande poder evocativo;
- A música é uma linguagem artística; inventa-se «a si própria» e em ressonância com o seu ambiente.

De entre as especificidades do mundo da saúde, podemos salientar que:

- As instituições definem um espaço/tempo «extra ordinário»:

• As instituições articulam, de modo mais ou menos complementar ou contraditório, o desejo da «restituição ad integrum» (1) e a promoção da saúde, isto quer dizer que encaram os pacientes, os seus próximos e os profissionais de saúde quer enquanto objectos de tratamento quer como sujeitos de saúde;

• As instituições são regidas por um conjunto complexo e sofisticado de regras de vida;

• As instituições se encontram articuladas em torno de uma comunicação muito codificada;

• A dimensão emotiva (contraponto da técnica e da tecnologia) rodeia o conjunto da vida nas instituições:

emoções «à flor da pele», emoções adormecidas ou impelidas para o fundo do ser;

Na nossa prática particular da Música no Hospital, procuramos tornar real o improvável encontro destes dois sistemas; sistemas que, à primeira vista, evidenciam poucas zonas de sobreposição. Mas a prática e a reflexão que se segue mostram-nos que há, entre estes dois sistemas, paralelismos a partir dos quais podemos propor ligações.

O tempo extra ordinário

O tempo de hospitalização é um parêntesis, é um «tempo no tempo» da vida «quotidiana» (2).

O tempo da música é também um parêntesis no tempo da vida quotidiana. A música tem um princípio e um fim e durante este tempo somos «dominados por ela», não podemos deixá-la sem a perder. Ficamos numa outra realidade – realidade poética, estética –, mobilizando as emoções e as reminiscências pessoais, os pensamentos e as curiosidades intelectuais.

Como numa espécie de jogo de espelhos, o «tempo no tempo» musical vivido no «tempo no tempo» da hospitalização pode recolocar-nos na di-

mensão do tempo do nosso dia-a-dia. Mas este dia-a-dia será especial, mobilizador do nosso interior intelectual ou emocional.

A Música no Hospital é um tempo que se oferece, um bilhete de viagem em que o destino é descoberto pelo encontro entre o músico e as pessoas presentes na instituição de saúde. Cada encontro musical no hospital é um convite sem outro objectivo que não seja o de viver conjuntamente um tempo definido.

O tempo musical contido no tempo da hospitalização é um tempo que nos permite um regresso a si próprio, que nos permite deixar o

O tempo musical contido no tempo da hospitalização é um tempo que nos permite um regresso a si próprio, que nos permite deixar o espaço onde nos encontramos para ir até quem somos.

espaço onde nos encontramos para ir até quem somos.

A mobilidade emocional

Sentimentos «à flor da pele», adormecidos ou recalcados: a música oferece a possibilidade de os articular, de os articular dentro de si. Com toda a delicadeza e pudor, o encontro musical oferece uma linguagem que permite às pessoas presentes no hospital protegerem-se de sentimentos demasiados vivos deixando-se «deslumbrar» pela música e caminhar para outras regiões, reencontrar emoções há muito tempo esquecidas, ou aproximar-se de sentimentos ou de emoções até então postos de parte, aceitando o convite evocador da música.

Num meio altamente técnico, a música torna mais fluido o ambiente emotivo, facilita a comunicação entre as pessoas presentes e a mobilidade emocional interior de cada um, criando assim um ambiente de melhor qualidade humana.

A hospitalização, e particularmente a dos residentes em serviços geriátricos de longa estada, cria uma situação de espera, gera um tempo de imobilidade, de vitalidade reduzida, de vida

(1) A noção de restituição ad integrum faz referência às sequências de actos médicos visando a restituição integral do corpo tal como era antes da doença e funda-se na concepção da saúde como ausência da doença.

(2) Para os doentes crónicos ou para as pessoas idosas nos serviços de longa estada, esta noção de tempo funciona um pouco de outra forma: os tempos repetidos de hospitalizações acabam provavelmente por se transformar em factos «quotidianos» para os doentes crónicos e o parêntesis de tempo «extra ordinário» que se abre para os residentes das longas estadas não se tornará a fechar para eles.

posta entre parêntesis, chegando mesmo a casos mais extremos de vida recusada ou esquecida. Apenas as emoções ou os pensamentos são sinais de vida. A música partilhada pode recolocar em movimento uma emoção enfraquecida e reavivar em curiosidade ou em espanto um pensamento anestesiado.

A música partilhada pode recolocar em movimento uma emoção enfraquecida e reavivar em curiosidade ou em espanto um pensamento anestesiado.

A cultura como encontro entre sujeitos

O hospital, lugar de tratamento da doença ou de promoção da saúde, encara os utentes e o pessoal assistente quer como objectos de cura (recebendo ou distribuindo cuidados), quer como sujeitos presentes num lugar de vida.

A música tal como a encaramos no hospital é sempre um convite a um encontro, a uma cumplicidade entre sujeitos livres – diálogo não verbal de compaixão (dando um suporte de linguagem cultural aos sentimentos da dor ou da tristeza), de complacência (3) (dando um suporte de linguagem cultural aos sentimentos de prazer e de felicidade), convite à curiosidade ou à descoberta.

A música (obra de arte e a manifestação cultural em geral), da mais complexa à canção mais simples, é um pôr em forma poético ou simbólico de uma problemática (formal, expressiva, subjectiva,...). Procura nomear ou evocar o seu «objecto» (polissémico). E ao nomear, a música convida-nos – se a aceitarmos como terreno de encontro connosco próprios ou com o outro – a nomearmos por nossa vez. A música, obra de arte, convida-nos a nomear, a projectar-nos num espaço próximo e longínquo ao mesmo tempo; es-

paço evocador, que nos chama para um mundo libertado da violência de ser a verdade (4).

Fazendo música no hospital, nomeamo-nos e articulamo-nos a nós próprios livremente e convidamos

as pessoas presentes a nomearem-se, a articularem o que as rodeia também de forma livre. Encontramo-nos na cultura, esta linguagem de diferença e de reconhe-

cimento mútuo, espaço de encontro entre sujeitos. No hospital, a música contribui para o encontro e para a partilha entre as pessoas enquanto sujeitos, propondo a cultura como terreno de encontro e de diálogo.

O hospital como espaço de criação musical

As instituições de saúde, com os seus objectos e o seu meio ambiente sonoro, constituem espaços para a invenção de uma nova música. Quem, além do músico no hospital, teria inventado uma escultura sonora baseada em tubos de transfusão? Quem, além de um músico no hospital, construiria uma cadeira de rodas sonora? Que outra pessoa criaria um diálogo improvisado entre uma criança acamada e um estetoscópio?

Quem, além de uma pessoa hospitalizada, poderia passear-se numa «bolha sonora» sentada numa cadeira de rodas? Quem,

além de uma pessoa hospitalizada, poderia ouvir os sons delicados de gotas de quatro pistolas de injeção «afinadas»?

O hospital é também lugar de música, de descoberta, de espanto.

A Música no Hospital não é apenas uma nova maneira de fazer música, mas é também uma música nova.

A Música no Hospital não é apenas uma nova maneira de fazer música, mas é também uma música nova.

(3) Diga-se de passagem que é espantoso e é pena que apenas a compaixão (etimologicamente: comsofrimento) seja considerada como «um sentimento nobre» e que a complacência (com prazer) seja considerada negativamente na nossa cultura judaico-cristã.

(4) A arte é a magia libertada da seriedade. (T.W. Adorno)



Foto: Christophe Meyer

Para resumir

Para resumir e esquematizar o que acaba de ser dito, o projecto Música no Hospital tal como o concebemos constrói-se a partir dos seguintes fundamentos:

1. Espaço de cultura, a Música no Hospital constrói-se apenas pela afirmação da qualidade musical como pressuposto a qualquer acção.

2. Facto social, a Música no Hospital tece elos entre as diversas pessoas presentes no hospital (profissionais, pacientes e próximos dos pacientes).

3. Comunicação intersubjectiva, a Música no Hospital põe em movimento a paleta mais abrangente possível de modalidades emocionais; não tem intenção prévia e constrói-se no encontro.

4. Exclusivamente musical, a Música no Hospital faz muito raramente apelo à comunicação verbal; não tem mensagem prévia a comunicar.

5. Relação essencialmente dialógica, a Música no Hospital procura encontrar cada pessoa presente no hospital na dimensão da centralidade da sua pessoa e não na dimensão da sua função (quer esta função seja a de profissional, a de paciente ou a de familiar de um paciente).

6. A música no hospital enriquece-se musicalmente no hospital e enriquece artisticamente o hospital.

7. Interação entre dois sistemas, a Música no Hospital procura inserir a música nos serviços hospitalares em coerência com o projecto da instituição de saúde. ■